



DEPRESBITERIS, Léa "Os diversos olhares da avaliação na educação ambiental - fantasias de uma autora". In Congresso Brasileiro de Qualidade na Educação. Brasília: SEF/MEC, outubro de 2001 (a ser publicado em anais)

OS DIVERSOS OLHARES DA AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL – FANTASIAS DE UMA AUTORA

Léa Depresbiteris

Estavam presentes, naquela reunião, alguns dos principais personagens do folclore brasileiro. Andavam de um lado para o outro, tentando se conhecer; afinal eram de diferentes regiões do país e muitos não haviam se encontrado antes.

- Não entendo por que nos chamaram aqui - disse o saci-pererê, um dos mais conhecidos. O que temos a ver com a educação ambiental?
- Não sei – disse o boi bumbá- talvez seja porque, hoje em dia, fala-se muito da necessidade de se relacionar os múltiplos aspectos do conhecimento: biológicos, sociais, políticos, econômicos e culturais.
- Muito intelectual para meu gosto, essa sua explicação – ironizou o curupira. Acho que nos chamaram aqui porque o folclore, assim como o meio ambiente, deve ser preservado. Nós somos parte importante da cultura do nosso país, pelo folclore um povo preserva sua identidade.
- Para mim, a coisa é mais objetiva – pronunciou-se a mãe d' água. Todo mundo está preocupado com uma Lei de Educação Ambiental que abrange a Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio, Educação Superior, Educação Especial, Educação de Jovens e Adultos, reforçando a responsabilidade individual e coletiva da sociedade, na implementação e prática da educação ambiental. Como estão preocupados, quiseram nossa ajuda para trocar idéias.
- Nossa! Como vocês sabem das coisas – admirou-se a mula-sem-cabeça. Eu não consigo pensar em nada.

- Pudera! Sem cabeça, o que ela queria – falou maldosamente o lobisomem.

- Eu acho que posso ajudar muito. Entendo demais de preservação ambiental. No meu pedaço, a região Norte, protejo os animais e as árvores – o curupira dirigiu sua fala para a mula-sem-cabeça, interrompendo, assim, a observação maldosa do lobisomem.

- Já na minha opinião – sorriu marotamente o boto de água doce - fui convidado para seduzir as pessoas a cuidarem melhor do meio ambiente. Aliás, sou muito bom nisso. Transformo-me em moço bonito e visito as mulheres quando seus maridos, namorados, pais ou irmãos não estão em casa. Daí é fácil – esfregou as mãos – é só hipnotizá-las e fazer amor.

- E sempre as deixa grávidas – zombou a matintapereira, que muitos diziam ser uma prima distante do saci-pererê, porque se apresenta como um velho ou velha que pula de uma perna só, opinião, aliás, com a qual ela não concordava, preferindo ser considerada como uma coruja agourenta.

O boto não gostou nada da ironia da matintapereira e partiu para cima dela deixando até cair o chapéu que estava usando. As coisas iam piorar, não fosse a intervenção do saci-pererê, sempre muito brincalhão e astuto, que chamou todos os presentes para ver um livro que ele achara, com belas fotos da Terra.

- Eles certamente vão falar sobre o nosso planeta – gabou-se o saci por ter encontrado o livro.

- É óbvio, não? – irritou-se o curupira. Você já ouviu falar de educação ambiental que não fale da Terra?

- Bem, mas eles certamente não vão falar apenas dos aspectos naturais – opinou a mula-sem-cabeça – que mesmo não tendo cabeça, pensava. Aliás, ela era um personagem interessante, pois mesmo sem cabeça, as pessoas diziam que ela relinchava, soltava chispas de fogo pelas narinas e, às vezes, soluçava como uma criatura humana.

- Hoje em dia está cada vez mais viva a idéia de que educação ambiental se relaciona à conscientização, ao conhecimento, à capacidade de avaliação e participação das pessoas – continuou a mula, dando margem a que alguns personagens do folclore se manifestassem sobre suas concepções de meio ambiente e de educação ambiental.

O lobisomen lembrou-se que o termo – meio ambiente – era usado como sinônimo de natureza, mas que hoje, cada vez, mais está incorporando os aspectos sociais e integrando o homem nesse contexto.

- Atualmente, a coisa está esquentando – falou o boi mamão, figura de Santa Catarina, que é uma variação do boi bumbá. Vejam que, no ensino

formal, a educação ambiental tem sido objeto de reflexão constante. Algumas medidas importantes estão surgindo, como a reorientação curricular produzida pelo Ministério da Educação, especificamente pela Secretaria do Ensino Fundamental, por meio dos Parâmetros Curriculares Nacionais. Neles, o meio ambiente aparece como um dos temas transversais – completou o boi mamão.

A conversa parecia estar interessando a todos, quando foram interrompidos pela entrada de uma pessoa em carne e osso, que destoava do ambiente, e que logo deixou claro qual era o objetivo da reunião.

- Fico muito contente que todos vocês tenham comparecido a esse encontro. Vim aqui para que possamos conversar sobre um assunto específico: a avaliação na educação ambiental. Vocês poderiam me ajudar nesta reflexão? – falou de modo convidativo.

- Ajudar a gente pode, mas primeiro eu tenho que saber o que é avaliação. Nunca ouvi falar nisso – falou com sinceridade o curupira.

- Que bom você ter feito esta pergunta logo de início – suspirou a pessoa em carne e osso. Existem vários mitos e desvios com relação à avaliação e é sempre bom esclarecermos alguns deles. É preciso, por exemplo, distinguir avaliar de medir. A medida dá a extensão de alguma coisa, a avaliação julga o valor dessa coisa e impulsiona na direção de sua melhoria. Dizem que a balança dá o peso, mas não diz se o objeto é de ouro ou de prata.

- Posso contar uma curiosidade?- pediu a palavra a Maricota, colega de festividades do boi mamão. Como era muito alta chamou a atenção de todos, principalmente do curupira, anão de cabeleira rubra, com os pés inversos, ou seja, com os calcanhares para frente.

- Minha altura – prosseguiu a Maricota - é maior do que as demais personagens do boi mamão. Essa minha altura é importante, porque minha função na festa é dançar de braços abertos e ir distribuindo tapas e afagos, para sempre manter a roda aberta. Quando me mediram, viram minha extensão. Aliás, no folclore, a medida é parecida com uma fita que representa o comprimento de uma imagem de santo. As pessoas esticam a fita da cabeça aos pés da imagem e guardam essa medida como um amuleto. Cada medida de santo ajuda em alguma coisa: a medida de São Sebastião é para curar pestes e feridas, a de São Brás para curar engasgos, a de Santa Luzia para doenças nos olhos, a do Senhor do Bonfim protege contra infelicidade.

- Que interessante! - Falou a pessoa em carne e osso. No processo de ensino aprendizagem, a medida é a extensão daquilo que os alunos aprenderam. Contudo, medir não é avaliar, como muita gente pensa.

Algumas pessoas acham que só por estarem aplicando uma prova, estão avaliando. A avaliação só ocorre quando atribuímos um valor a essa medida e, principalmente, se agimos na direção da melhoria dos desempenhos que não foram alcançados. Podemos medir sem avaliar, mas o contrário não é possível. Apreciar algo, antes de medi-lo, é meramente dar uma opinião. Assim, quando digo que um aluno tirou nota dez, quando questionado sobre fotossíntese, estou simplesmente medindo; só avalio quando estabeleço um julgamento para aquela medida.

- Por exemplo, dizer que o aluno pode passar de ano é uma avaliação? O saci girou em torno de si mesmo, vertiginosamente.

- Em educação ambiental isso não é importante – ajeitou-se na cadeira o nosso personagem humano. A avaliação deveria se afastar da idéia de medida dos conhecimentos. Deveria, acima de tudo, verificar se as ações desenvolvidas no ensino estão provocando alguma melhoria na vida dos próprios alunos e da comunidade na qual ele está inserido.

- Mas então não se deve avaliar conteúdos? - Perguntou a matintapereira

- Não estou dizendo isso – incomodou-se a pessoa - estou mostrando o que é mais relevante na educação ambiental. Deveríamos, sim, avaliar conteúdos, pois muitas vezes as pessoas não zelam pelo meio ambiente, porque não possuem informações básicas, isso não quer dizer que tenhamos de dar uma nota ao aluno. Creio que é fundamental que os alunos compreendam temas como ecossistema, habitat, nicho ecológico, fotossíntese, cadeia alimentar, cadeia de energia, porque são esses conceitos que fazem a ligação entre a ciência e os problemas ambientais do cotidiano. O aluno precisa perceber a relação que existe entre as espécies, verificar que nenhum ser vivo é capaz de sobreviver e se reproduzir independentemente dos demais. O gafanhoto come as plantas, mas é comido pelo rato, que será comido pelo gato e assim por diante.

- Eu estou com uma dúvida – levantou a pata, o lobisomem. Eu queria saber como é que se julga alguma coisa.

- Boa pergunta – alegrou-se a pessoa. Para avaliar precisamos definir critérios. A palavra critério vem do grego kritein que quer dizer separar, selecionar. O critério serve para julgarmos se houve alcance daquilo que desejamos. Critérios, parâmetros, padrões são termos usados, em avaliação, como sinônimos para designar uma base de referência para julgamento. A noção de referência vem do latim referre, que significa literalmente reportar. Para avaliar, nos referimos sempre a alguma coisa preexistente, de modo a fundamentar, garantir nossa opinião, nosso juízo. Pensar em critérios é refletir sobre o que avaliar.

- Então avaliar envolve comparação? – interessou-se o curupira. Por

exemplo, no critério de maldade, eu poderia dizer que sou mais maldoso que o lobisomem?

- Ai que convencido!- irritou-se o lobisomem. Eu assusto as pessoas muito mais do que você.

- Nada disso, quem assusta mais sou eu – exaltou-se o boitatá que não havia se pronunciado até aquele momento. Eu, assim, como o curupira, defendo as matas. Tenho em mim muitas luzes, que nada mais são do que os olhos dos animais que comi quando eles tentavam escapar das águas de uma enorme tempestade que houve na floresta.

- Grande coisa! – esnobou o labatut, um monstro que vive na fronteira do Rio Grande do Norte com o Ceará. Eu sou mais terrível que o lobisomem e a mula-sem-cabeça. As pessoas ficam mortas de medo com meu único olho, com minhas mãos compridas, com meus dentes em forma de presa. Eu adoro assustar as pessoas - falou mexendo nos cabelos longos e assanhados.

- Todos vocês estão muito enganados – gabou-se a bernúncia, outra amiga do boi mamão. Eu sou melhor do que vocês: assusto criancinhas.

- Engole, mas depois solta, que vantagem tem nisso? – entrou na conversa a matintapereira . Você engole as crianças durante a festa do boi mamão, mas depois da festa as deixa livres, não é?

- É claro, você queria que eu engolissem de verdade? – não sou tão má assim.

- Pudera! para assustar as pessoas basta dizer seu nome - o boitatá mexeu com a bernúncia.

- Por favor, parem de se comparar entre si – implorou a pessoa em carne e osso. A avaliação, num processo de ensino não deve estimular a classificação das pessoas e, sim, analisar até que ponto os educandos alcançaram os critérios definidos pelo ensino. É, por isso, que devemos distinguir os critérios relativos, que também são chamados de critérios referentes a normas, dos critérios absolutos, conhecidos como avaliação baseada em critérios. A tradução desse último nome, do inglês para o português, não é muito boa – a pessoa salientou – uma vez que ambas as abordagens utilizam critérios. A abordagem baseada em normas compara coisas, fatos, fenômenos, pessoas, entre si. Por exemplo, Lucas sabe mais sobre fotossíntese do que Vicente. A escola A desenvolve melhor a educação ambiental do que a escola B. A abordagem baseada em critérios compara esses fatos, objetos, pessoas com critérios pré-definidos.

- Não entendi – queixou-se o boi bumbá.

- A abordagem referente a normas tem a finalidade de comparar os alunos entre si. Sua principal base de análise é a curva normal, também chamada de curva de Gauss.

- É uma outra figura do folclore que não conhecemos? - Quis saber o saci-pererê.
- Não – a pessoa em carne e osso desandou a rir. É um estudioso que criou uma curva para explicar algumas características, como por exemplo altura, peso. Ele dizia que há uma tendência da maioria das pessoas ficarem ao redor de uma média, e uma parte distribuída acima e abaixo desta média. Acontece que alguém utilizou a curva de Gauss para explicar a aprendizagem e daí imprimiu à avaliação uma idéia de que sempre teremos uma grande maioria de alunos numa média e alguns poucos acima e abaixo dela. É, por isso, que no processo de ensino e aprendizagem, a abordagem mais adequada é aquela baseada em critérios absolutos, pois o importante não é classificar as pessoas, comparando-as entre si, mas verificar o alcance do desejado em termos de qualidade.
- Então a comparação que nós fizemos de nossos poderes de assustar as pessoas foi uma comparação por normas? – o boitatá fez a analogia.
- A idéia central foi essa - respondeu a pessoa. Seria uma avaliação baseada em critérios se todos vocês fossem comparados com o critério de assustar.
- Então todos seríamos considerados competentes, pois que assustamos, assustamos mesmo– concluiu o lobisomem.
- Essa coisa de critérios é muito complicada, não estou gostando nada disso – estou percebendo que o professor, ao avaliar seus alunos, deve ter muito cuidado, não é? – o boi bumbá comentou astutamente.
- Muito complicada mesmo – a pessoa em carne e osso concordou - O papel da avaliação da aprendizagem, principalmente na educação ambiental, não pode se caracterizar como o desejo tradicional dos professores de atribuírem uma nota aos alunos e destes de obtê-la para conseguirem um certificado ou diploma.
- Mas, como eu sei se os critérios são certos e errados? –preocupou-se a Maricota.
- Na educação ambiental, fica difícil falar de certo e errado. Talvez pudéssemos refletir que os critérios deveriam considerar, não apenas o conhecimento, mas sobretudo as práticas realizadas e que o maior investimento da avaliação deve ser o de evitar que se ditem verdades pré-determinadas, como as informações de que não se deve jogar lixo no chão, derrubar as árvores, etc. O mais importante é o processo de conscientização, por isso é que os professores precisam ser capacitados a incluírem as questões ambientais no dia-a-dia da escola e a avaliarem as melhores formas de fazer isso. – repetiu a pessoa em carne e osso.
- Mesmo porque - falou o curupira ainda meio confuso com a idéia de

comparação, pois queria ter sido considerado o mais assustador de todos – tem gente que conhece horrores de reciclagem de lixo e não pratica nadinha do que sabe.

- Eu é que não gostaria de ser professora – declarou a mãe d'água. Eu teria muito medo de cometer injustiças na hora de avaliar os alunos.

- É só tomar cuidado – retrucou o saci-pererê.

- Isso mesmo – a pessoa em carne e osso retoma o assunto. Em educação ambiental, é fundamental que os critérios sejam múltiplos e flexíveis, de acordo com as situações. É preciso, também, um certo equilíbrio: não devemos ter uma visão estreita e rígida, mas também não podemos reduzir a qualidade dos critérios. Conheço um escritor que escreveu mil vezes uma frase sem alcançar a perfeição que desejava. Aqueles que já escreveram um livro sabem que o fariam melhor numa segunda vez. Acontece que existe um momento que é preciso parar, caso contrário a obra fica inacabada.

- Além disso – a pessoa prosseguiu - existem vários níveis de critério, aqueles que se referem à avaliação dos alunos, aqueles que dizem respeito aos currículos e até os mais amplos que se referem às políticas públicas. Quanto aos currículos, por exemplo, se fôssemos avaliá-los com base no que dizem os Parâmetros Nacionais, teríamos que responder a algumas questões como: a inclusão do tema meio ambiente como transversal está provocando uma maior integração entre as disciplinas? Os professores estão sabendo lidar com esse tema? Os alunos estão incorporando atitudes de preservação?

- Então a palavra chave é integrar. – o boi bumbá afirmou categoricamente. Eu acho que a educação ambiental, num currículo, deveria integrar diferentes visões. Eu, por exemplo, sou da Amazônia Pará, mas misturo várias culturas: a indumentária do branco europeu, o atabaque do negro e a coreografia do índio. O meu colega, o boi mamão, faz o mesmo – olhou para o companheiro pedindo confirmação.

- Ah! Uma coisa importante que eu ia esquecendo de falar – lembrou-se a pessoa em carne e osso - é que os critérios devem estar explícitos para todos. Na verdade, os critérios são as “regras do jogo” e devem ser os mais claros possível.

- E a gente vai avisando quando as pessoas não estão alcançando os critérios? – a Maricota deu um tapa no boitatá que estava mexendo na sua cintura.

- Podemos fazer uma analogia com aquela brincadeira, na qual a uma criança procura um objeto e as outras vão falando “está frio”, “está morno” e quando o objeto é encontrado todos gritam “está quente” –

exemplificou a pessoa em carne e osso

- Mas e se não se tem critérios explícitos, o que acontece? – o boitatá perguntou com o olho roxo do tapa que levava.

- Pode-se cometer injustiças. Uma pessoa que não sabe como será avaliada não sabe o que dela se espera – ponderou o boi mamão que já parecia um avaliador.

- Ah! De injustiça entendo eu – gritou o negrinho do pastoreio. Vejam o meu caso. Eu era um ótimo empregado, meu patrão se dizia satisfeito comigo. Um dia, porém, deixei fugir o cavalo baio preferido do meu patrão. Quando ele soube mandou me atar a um palanque para que me surrassem. Mesmo sabendo que eu estava muito machucado, o patrão ordenou que eu fosse procurar o animal no pasto. Como era noite e estava escuro, acendi um toco de vela e fui procurar o bicho, mas, por azar, não o encontrei. Fui então mandado novamente para o palanque e desta vez apanhei para valer, apanhei tanto que morri e fui atirado em cima de um formigueiro.

- Então você morreu? – arrepiou-se o curupira, mesmo estando acostumada com mortes.

- Pois ai está o melhor da história - continuou o negrinho do pastoreio

- quando o patrão foi ver o formigueiro, eu estava lá “vivinho da silva”, contente pulando ao lado do cavalo perdido.

- Ah! É por isso que você tornou-se o “achador” de coisas perdidas? Questionou a bernúncia.

- Isso mesmo, quando uma pessoa perde alguma coisa, basta acender uma vela para mim que eu encontro loguinho. Tem até uma música muito bonita que diz: Negrinho do Pastoreio, acendo esta vela para ti, e peço que me devolvas a querência que eu perdi....

- Ai que romântico! – exclamou o boto de água doce, certamente pensando em cantar essa música em suas futuras seduções.

- Credo! Que maldade fizeram com você!– comentou o saci.

- Eu não gosto muito de lembrar da minha história – o negrinho do pastoreio parecia um pouco abalado - mas foi para exemplificar que se o meu patrão tivesse deixado explícito que o cavalo baio era tão importante para ele, talvez eu tivesse tomado mais cuidado.

- Bem lembrado – falou a pessoa em carne e osso. Isso prova que a avaliação tem que ir orientando as pessoas em como elas estão se desempenhando, a reconhecerem seus sucessos e problemas. Aqueles que acreditam na necessidade de uma avaliação formativa defendem o princípio de que avaliar deve sempre auxiliar o aprender.

- Então nessa função formativa, a idéia não é punir, é? – perguntou a

Maricota.

- Certamente não – a pessoa em carne e osso foi enfática.
- Eu estou errada, quando ao avaliar os caçadores vejo que eles causam prejuízos às árvores e animais e aplico a eles algumas surras? – inquiriu o curupira.
- Claro – você não entendeu isso ainda – irritou-se a Bernúncia.
- Calma – pediu a pessoa. O curupira está fazendo uma coisa muito importante em avaliação, ele está se auto avaliando. A auto-avaliação é o mergulho da pessoa em seus sentimentos, emoções, posicionamentos.
- Mas então o curupira não tinha que se atribuir uma nota, já que está se auto avaliando? – falou o saci enquanto enfiava o cabelo loiro da mãe d’água no furo de sua mão direita.
- É uma pergunta importante – ressaltou a pessoa em carne e osso. É preciso distinguir auto avaliação de auto notação. Na auto-avaliação há um processo de auto regulação, a pessoa sabe onde errou e busca não repetir o erro. A auto-notação é mais uma estratégia que o professor usa para os alunos se atribuírem uma nota, avaliando o que desenvolveram numa situação de aprendizagem. Outro aspecto importante é o da metacognição.
- Meta o que quê? – a bernúncia ficou assustada com a palavra.
- Se você me contar de onde se origina seu nome, eu conto o que é metacognição - a pessoa em carne e osso propôs.
- Combinado – aceitou a bernúncia. Bem, dizem que quem me criou quis me fazer bem feia, horrível, mesmo. Quando meu criador foi mostrar sua obra para uma tia, ela se assustou de tal maneira que começou a gritar: abrenuncio! abrenuncio!, palavra que vem do latim, ab-renúncio e quer dizer renuncio, nego. Ela era usada no batismo das crianças, no qual se renunciava ao demônio em favor do cristianismo. Acho que a tia do meu criador, ao me renunciar pela minha feiura, acabou me batizando. Com o tempo, o nome abrenúncio virou bernúncia.
- Coitada! Que nome! – solidarizou-se a mãe d’ água.
- Metacognição – explicou a pessoa em carne e osso - refere-se ao conhecimento que as pessoas têm de seus próprios processos de pensamento, assim como suas habilidades para controlar esses processos mediante sua organização, realização e modificação. Trata-se da tomada de consciência de uma estrutura de saber por parte daquele que aprende, que se sente estimulado a colocar em prática raciocínios já desenvolvidos, a criar “métodos de pensar” mais elaborados, a levantar hipóteses, a fazer inferências, a abstrair.
- E a pessoa faz tudo isso sozinha? Indagou assustado o lobisomem.

- Num primeiro momento não, depois se acostuma e vai sempre se autoregulando em sua aprendizagem – tranqüilizou - o a pessoa em carne e osso. Num momento inicial, o professor deve assumir o papel de mediador entre o aluno e o aprendizado, estimulando aquele a organizar o conhecimento do mundo. Mas, para isso, ele deve ser capacitado a lidar com esses aspectos da mediação: intencionalidade, reciprocidade, significado e transcendência.

- Favor traduzir tudo isso aí que você falou – irritou –se o boitatá eriçando ainda mais os cabelos.

- Vou tentar ser breve – prometeu a pessoa em carne e osso. A intencionalidade refere-se aos objetivos que o professor deseja que o aluno alcance. A reciprocidade, como o próprio nome indica, implica troca, permuta. O professor deve estar aberto para as respostas do aluno, deve perceber se este último está fornecendo indicações de que está cooperando, que se sente envolvido no processo de aprendizagem. Na educação ambiental, a reciprocidade dos educandos pode ser percebida pelo grau de envolvimento e participação nas atividades de preservação do meio ambiente. O significado diz respeito ao valor, à energia atribuída à atividade, aos objetos e aos eventos, tornando-os relevantes para o mundo. Um exemplo de significado é o de que as crianças aprendem a ler somente pelo uso de materiais e atividades que elas entendem e que despertam seu interesse, e que podem relacionar com atividades que já conhecem. Tudo o que elas não podem relacionar com o que já conhecem perderá o sentido, ainda que faça sentido para o professor. Na educação ambiental, o significado diz respeito a como o aluno está percebendo sua ação. Para ele tem sentido estar falando de preservação da natureza? No que se constitui para ele o meio ambiente? E a tal de transcendência? –quis saber o saci.

- A transcendência envolve o princípio de se encontrar uma regra geral, o que exige o desenvolvimento do pensamento reflexivo sobre o que está subjacente na situação, de modo a estendê-la para outros contextos. A transcendência estimula a curiosidade que leva a inquirir e a descobrir relações, acendendo o desejo de saber mais. No caso da educação ambiental, a transcendência seria expandir as ações realizadas na escola, estimuladas pela mediação do docente, assumindo-as como uma atitude de vida, evitando o desperdício, racionalizando recursos, enfim, tomando consciência e auxiliando a outros a se imbuírem do comprometimento com a preservação do ambiente – a pessoa em carne e osso exalou um suspiro.

- Eu, por mim, seria mais drástico com os alunos – impôs o lobisomem. Eu

avaliaria as pessoas e as assustaria, forçando-as a não poluírem o ambiente, a não contaminarem a água, a não jogarem lixo nas ruas.

- Não adianta nada forçar – contemporizou o boi bumbá. As pessoas é que têm de se conscientizar.

- Lembrem-se de que a avaliação não tem a função de punir – recordou a pessoa em carne e osso. Devemos estar sempre atentos, para que a avaliação não seja usada com um caráter autoritário, de exercício de poder de uma pessoa sobre outra. Na educação ambiental, isso fica mais forte ainda, pois desejamos que as pessoas zelem pelo meio ambiente por estarem conscientes de que isso é importante e não porque estão sendo pressionados.

- Pessoal, isso já foi dito- que tal voltar para o negócio da mediação? Sugeriu a mula-sem-cabeça.

- Voltando à mediação – retomou a pessoa - temos o que chamamos de avaliação mediadora. Nesta perspectiva, a ação avaliativa abrange a compreensão do processo de cognição, porque o que interessa ao professor é a oportunidade de o aluno refletir sobre o mundo. Por outro lado, o professor também ganha nessa mediação, pois pode refletir sobre seus próprios posicionamentos metodológicos e na forma de avaliar seus alunos. O professor, então, pode desenvolver capacidades e competências nos alunos e em si próprio.

- Competências e capacidades! Qual a diferença? – quis saber a matintapereira.

- As capacidades exprimem as potencialidades das pessoas, independentemente de conteúdos específicos. Elas se manifestam ao longo da aprendizagem e não são diretamente observáveis. A correspondência entre competências e capacidades não é direta; uma mesma capacidade se manifesta em muitas competências. As capacidades são transversais, na medida em que exprimem potencialidades de um sujeito, independentemente dos conteúdos específicos das disciplinas. Por exemplo, podemos chamar de capacidades: selecionar informações, pesquisar, analisar, sintetizar, comunicar-se, interpretar os dados de realidade, entre outras.

Competência é o conjunto das capacidades específicas, organizadas de modo a propiciar a ação do aluno. Por exemplo, na aprendizagem das Ciências Físicas e Biológicas, a competência de efetuar ensaios e medidas conjuga, além dos saberes técnicos específicos, uma série de capacidades, como por exemplo, aplicar regras, pesquisar, analisar, sintetizar, comunicar os resultados, entre outras. Parte-se do pressuposto de que, em educação ambiental, é mais importante desenvolver capacidades do que conhecimentos, do que transmitir uma punhado de

informações, ainda mais para a ecologia que estuda redes de relações mais densas e complexas.

- Eu sou competente - anunciou, sem falsa modéstia, o saci. Tenho uma perna só, mas pulo com uma tremenda agilidade, assusto os viajantes pedindo fumo, apareço e desapareço no meio de um currupio de vento, atazano a vida das pessoas, apago o fogo, queimo os alimentos, faço cócegas, atemorizo com meus corrupios, escondo os objetos na hora em que mais se precisa dele, faço longas tranças na crina do cavalo. Viram quantas capacidades eu possuo? – olhou para todos com seus olhinhos brilhantes.

- Eu também sou – a mãe d' água sacudiu a longa cabeleira. Sou uma sereia: alva, loira, meio peixe, canto para atrair os homens e os levo até o fundo do mar. No Brasil, tem gente que acha que não sou mulher, mas sim uma cobra grande. Já na antigüidade, diziam que eu não era peixe, mas sim uma ave, que cantava muito. Existem várias versões minhas pelo mundo. Existe a versão do Rio Reno, pela qual eu seduzo os namorados e os levo para o fundo das águas, matando-os de cócegas, há a versão da África, na qual eu recebo ofertas de alimento.

- Eu acho questionável essa competência de vocês - o boi bumbá fez um comentário paralelo. Vocês são competentes mas prejudicam as pessoas. É certo isso?

- Ora, tudo isso é lenda – a mula-sem-cabeça soltou algumas chispas.

- Lenda ou não – comentou a pessoa em carne e osso – é preciso realmente se questionar o que é competência e para que ela vai servir. A história está cheia de exemplos de pessoas extremamente competentes para fazer o mal.

- E todo mundo pode ser competente para o bem? – animou-se a bernúncia.

- Para isso é preciso que se avalie não só a quantidade das coisas, mas a qualidade – a pessoa em carne e osso introduziu outro assunto. A qualidade tem duas faces: a formal e a política. A primeira refere-se a instrumentos e a métodos; a segunda diz respeito a finalidades e conteúdos. A qualidade política é aquela que trata dos conteúdos da vida humana. Está ligada ao relacionamento do homem com a natureza..

- E o que seria qualidade na educação ambiental? – o boi mamão aproveitou para aprofundar o assunto.

- Apesar de difícil, existem coisas que poderiam ser citadas como essenciais, como por exemplo, incentivo à participação ativa dos alunos nas decisões, estímulo à autonomia, à solidariedade, ao respeito, à uma aprendizagem significativa, em substituição a uma aprendizagem mecânica. Cabe a todos nós, neste contexto, capacitar os docentes para enfrentar

as novas exigências da educação.

- Ah! Isso é fácil – falou sem pensar o lobisomem.

- Fácil, porque você não é professor – retrucou o negrinho do pastoreio.

O professor muitas vezes fica perdido num emaranhado de teorias, atividades, responsabilidades. Eu até que gostaria de ajudá-los a acharem o caminho da melhor aprendizagem, mas isso nem eu consigo – completou meio desanimado.

- Concordo com você – pronunciou-se a pessoa em carne e osso. Na avaliação, por exemplo, o professor não deveria ser capacitado apenas para avaliar o aluno, mas participar da avaliação de outros componentes do currículo. O professor deveria também saber avaliar os materiais que vai usar em seu ensino: ver se no material há a apresentação dos fatos com devidas referências e argumentos, se o material deixa espaço para questionamentos, se estimula o leitor a explorar diferentes perspectivas, se estabelece relações entre os conceitos, se o material reflete sobre a diversidade cultural, de raças, grupos sociais e, principalmente, se trata a todos com respeito e equidade.

- Ai que loucura! – gemeu a mula-sem-cabeça. Eu é que não queria ser professor, prefiro continuar assustando as pessoas. Ainda bem que ninguém desmanchou meu encantamento

- E como desmancha? – agitou-se todo o saci-pererê

- Precisa me fazer sangrar, mesmo que seja pouquinho, usando uma ponta de alfinete, por exemplo – respondeu a mula-sem-cabeça.

- Pode ser um outro instrumento? – interessa-se o boitatá.

- Pode sim, tem uma infinidade deles, basta que eles cumpram o objetivo de me fazer sangrar – conclui a mula .

- Perdoe-me a comparação – desculpou-se a pessoa em carne e osso – mas o mesmo acontece na avaliação. Podemos e devemos usar diferentes instrumentos para avaliar os alunos: projetos, provas, mapas conceituais, portfólios, pesquisas, análise de casos reais, provas operatórias, etc.

- É verdade que as imagens também podem servir de instrumento de avaliação na educação ambiental? – a mãe d' água parecida conhecer este assunto.

- Ótima intervenção - a pessoa agradeceu à mãe d' água. As imagens são um excelente recurso para que o professor estabeleça uma conversação com o aluno, troque idéias, capte significados. Elas trazem, de forma explícita ou implícita, visões de mundo, codificam discursos e muitas outras coisas interessantes. Trabalhar com imagens no processo educativo exige do professor que também reflita sobre seus sentimentos,

significados. Elas não podem ser trabalhadas de modo aleatório, devem cumprir uma finalidade. O professor deve saber lidar com as diferentes visões de mundo que vão, certamente, surgir. O desafio será o de possibilitar um diálogo que leve a um consenso mínimo sobre os problemas, de modo que os alunos possam se aglutinar em busca de alternativas e possibilidades para sua solução.

- Por falar em imagens, no livro que achei tem uma fotografia maravilhosa sobre o nosso planeta – o saci pegou novamente o livro que havia sido esquecido.

Todos os personagens se aproximaram para ver a imagem da Terra. Pareciam maravilhados com tanta beleza e um pouco assustados com o destino do planeta. Apesar de ninguém ter se pronunciado, uma pergunta parecia pairar no ar: o que fazer para evitar a destruição do meio ambiente, incluindo nele o ser humano?

BIBLIOGRAFIA

- CASCUDO, C. (1998) Dicionário do folclore Brasileiro. São Paulo, Ediouro, 9 edição.
- DEMO, P (1999) Avaliação qualitativa- polêmicas do nosso tempo. Campinas, SP, Autores Associados (Coleções polêmicas do nosso tempo;25)
- DEPRESBITERIS, L (1999) Avaliação educacional em três atos. São Paulo, Editora SENAC.
- FEUERSTEIN, R. A (1991) A theoretical review. Mediated Learning Experience (MLE) Theoretical Psychosocial and Learning Implications. Londres: Freund Publishing House LTD.
- HADJI, C Avaliação Desmistificada. Porto Alegre, ARTMED.
- HOFFMANN, J (1992) Avaliação, mito e desafio- uma perspectiva construtivista. São Paulo. Porto Alegre, Educação e Realidade.
- MARINA, J. A (1995) Teoria da inteligência criadora. Porto, Caminho da Ciência.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (2001) -Parâmetros em Ação – Meio Ambiente na Escola - MEC, Secretaria de Educação Fundamental, Coordenadoria de Educação Ambiental.
- MEDEIROS, E (1999) Medidas psicológicas & lógicas à psicometria. Rio de Janeiro: Ediouro.
- REIGOTA, M. (1999) A floresta e a escola: por uma educação ambiental pós-moderna. São Paulo, Cortez.

Enviada em: sexta-feira, 26 de outubro de 2001 16:26

Para: RebeaGroup; Lea Depresbiteris; REMTEA

Assunto: [REBEA] texto sobre avaliação - Léa

Olá pessoal.

Estivemos no congresso de qualidade da educação/MEC recentemente e a Léa e o Édgar me mandaram os respectivos textos que serão publicados em anais. Pedi autorização e el@s concordaram q fossem disponibilizados na lista, para gerar debate.

Hoje, estou mandando da Léa Depresbíteris, uma doutora em avaliação nota mil, que com sua criticidade, criatividade e originalidade, transforma o tema "avaliação" em algo menos dolorido. Ela pede sugestões e críticas.

Comentários são bem vindos!

Lea Depresbiteris <leateris@uol.com.br>

Abraços e deliciem o texto!